

ANÁLISE DE VERBETES: 'VADIO' E 'ÓCIO'

Cláudio Luiz MENEGHIN JÚNIOR

Katia Sayuri FUJISAWA

Rafaela Santos LIMA

(Orientadora): Profa. Dra. Carolina Maria Rodríguez Zuccolillo

**RESUMO:** Este trabalho se propõe a analisar os verbetes “vadio” e “ócio” em três dicionários diferentes. Esta análise busca compreender as variações de sentido, se os verbetes podem ser considerados sinônimos ou antônimos (“vadio” x “ocioso”; “ócio” x “vadiagem”), o que o autor pode sugerir com a ordem das acepções, além de procurar relacionar as definições com os períodos nos quais os dicionários foram publicados. A elaboração deste trabalho deu-se na disciplina HL230C – Prática de Análise da Linguagem I – Módulo I: História das Idéias Lingüísticas, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Rodríguez e orientação da Prof.<sup>a</sup> Carolina Fedatto.

**Palavras Chaves:** lingüística – lexicografia – vadio – ócio

O dicionário é instrumento lingüístico (AUROUX 1992 *apud* ORLANDI 2002:104), que, juntamente com a gramática, garante a unidade (imaginária) de uma língua nacional. É produzido em determinadas condições sócio-político-econômicas e é um objeto tangível que permite um sujeito relacionar-se com a língua na história (ORLANDI, 2002). Os autores desses dicionários individualizam o saber sobre a língua de uma sociedade na história e podem ser um excelente instrumento do Estado (idem) a medida que estabilizam os significados das palavras.

Para este trabalho, os dicionários consultados foram: *Diccionario da Língua Portuguesa* (SILVA, 1922), *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* (FREIRE, 1942-43), *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1986).

O primeiro dicionário citado, de Antonio de Moraes Silva, foi escolhido pelo fato de sua primeira edição, em 1789, ter inaugurado o dicionário monolíngüe em Língua Portuguesa. Moraes teve forte influência do Iluminismo nos seus procedimentos tendo em vista que essa corrente de pensamento influenciou o ensino nas universidades portuguesas e, por conseguinte, a formação das elites brasileiras, cujos filhos – na sua maioria – realizavam seus estudos nas universidades portuguesas, podendo Moraes ser um exemplo disso ao deixar o Brasil em 1774 rumo a Portugal para fazer o curso jurídico na Universidade de Coimbra. Sendo claramente influenciado por esse ensino, ancorado nas idéias de “clareza” e “concisão”, elimina os extensos comentários

etimológicos presentes no dicionário de Raphael Bluteau, publicado em 1712, no qual se baseou. A edição utilizada neste trabalho foi publicada em 1922, ano do centenário da Independência do Brasil, mesmo sendo de um autor brasileiro é uma obra conservadora pois foi publicada em Portugal com as filiações teóricas portuguesas, isto é, com o “olhar” português e não brasileiro reafirmando não apenas a unidade lingüística imaginária (ORLANDI, 2001) entre a língua portuguesa brasileira e a de Portugal, mas a hegemonia desta última sobre aquela.

O segundo dicionário, de Laudelino Freire, foi escolhido pois foi publicado durante o governo Vargas (1930-45). Nesse período a Constituição de 1934 garantiu, pela primeira vez, o direito da população à instrução pública. Com essa conquista, houve uma verdadeira ampliação da rede escolar, tendo como conseqüência, a demanda por dicionários, fazendo com que muitas editoras passassem a publicar dicionários, dentre elas, a editora A Noite, que publicou a primeira edição do dicionário de Laudelino Freire (1942-43). Também nesse período, Vargas assumiu uma posição classista favorável à burguesia industrial e comercial, ao mesmo tempo, que adotava uma política paternalista em relação aos assalariados (as leis trabalhistas). Freire baseou-se na obra de Moraes, incluiu palavras já existentes em dicionários portugueses em circulação e acrescentou brasileirismos e regionalismos, porém os brasileirismos não deveriam ser marcados por ser um dicionário “feito para brasileiros”, segundo o próprio autor

O terceiro dicionário, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, é o mais utilizado nas últimas décadas do século XX, período em que os dicionários brasileiros passam a ser mais usados que os portugueses. Ele é publicado pela Editora Nova Fronteira (Rio de Janeiro) e traz exemplos da literatura brasileira, e, principalmente, de cronistas, o que o torna um dicionário da língua em uso. Sua representatividade é tal que se pode dizer que este instrumento tem determinado o léxico vigente no Brasil.

A seguir os verbetes consultados para análise de “vadio” e “ócio”, que foram selecionados pelo grupo, para verificar se o sentido negativo, principalmente, do primeiro verbo - “vadio” - intensificou-se ou não com a grande demanda de mão de obra, após a Revolução Industrial e com a industrialização no Brasil. A presença de “ocioso” na definição de “vadio” levou o grupo a consultar o verbo “ócio”, já que, hoje, esta palavra pode ser utilizada com conotação positiva.

#### **Aurélio(1986) - Novo Dicionário da Língua Portuguesa**

**Ócio** (Do Lat. Otui). S.m. 1. Descanso do trabalho; folga, repouso. 2. Tempo que se passa desocupado; vagar, quietação, lazer, ociosidade. 3. Falta de trabalho; desocupação, inação, ociosidade. 4. Preguiça, indolência, moleza,

mandriice, ociosidade. 5. Trabalho mental ou ocupação mental suave, agradável.

**Ocioso** (ô) (Do lat. Otiosu) Adj. 1. Que não trabalha; desocupado; inativo: indivíduo ocioso 2. Em que há ócio: vida ociosa. 3. Que vive na ociosidade (2); preguiçoso, mandrião; vadio 4. Improdutivo, improficuo, estéril: discussão ociosa. 5. Supérfluo, desnecessário, inútil: palavras ociosas S.m. 6.Indivíduo ocioso.

**Vadiagem** s.f. 1. vadiação 2. vida de vadio, vadiice, matulagem 3 Os vadios 4. Bras. Jur. Contravenção penal que consiste em entregar-se alguém, por hábito, à ociosidade, apesar de ser válido para o trabalho e não contar com renda que lhe assegure subsistência, ou em prover a esta por meio de ocupação ilícita.

**Vadio** (Do Lat. Vagativu vagabundo) Adj. 1. Que não tem ocupação, ou que não faz nada, desocupado, tunante, vagabundo. 2. vagabundo(1) 3. Próprio de gente ociosa: “vida vadio”. 4. Diz-se do estudante pouco estudioso, inaplicado, vagabundo. 5. Bras. Fam. Diz-se de certa quantia de dinheiro para a qual não se tem aplicação imediata, que está sobrando em um orçamento, em geral doméstico: “Aproveitei uns dinheirinhos vadios e resolvi aplicá-los”. ~ V. Mulher –<sup>a</sup> S.m. 6. Indivíduo vadio, pé-leve.

**Vadiar** (De vadio+ ar) V. Int. 1. Andar ociosamente de uma para outra banda; vagabundear, vagabundar V. Vaguear (1 e 2). 2. Levar vida ociosa; viver na ociosidade; não trabalhar; vagabundar(Sin., bras., S.(nesta acepç.):muquinhar). 3. Não estudar; vagabundear, vagabundar. 4. Bras. Andar em pagodes, brincar, divertir-se. 5. Bras., NE Pop. Fornicar: “-Vem aqui, Flor, vem deitar junto de mi, vamosvadiar um pinguinho.” (Jorge Amado Dona Flor e Seus Dois Maridos, p. 433) 6. Bras., BA Dançar no camdoblé de caboclo.(Pres. Ind.: vadio, vadias, vadia, vadiamos, vadiais, vadium. Cf. vadiar).

### **Laudelino Freire (1942-3) - Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa**

**ócio** s.m. Lat. Otium 1. Descanso, folga do trabalho 2. Tempo que dura a folga do trabalho 3. Tempo de que se pode dispor 4. Estado de quem não faz nada; ociosidade 5. mandriice, preguiça 6. Repouso; cessação de movimento, de ação 7. O trabalho mental ou ocupação do espírito que não exige lucubrações

**Ócio vil**, s.m. 1. Falta de atividade ou de exercício de espírito 2. Indiferença para tudo o que é elevado e nobre 3. Inércia

**Ocioso** adj. Lat. Otiosus 1. Que não faz nada; que está desocupado; que não tem o que fazer; que não trabalha 2. Que não tem emprêgo nem ofício ou ocupação alguma; vadio 3. Falta de diligência; mandrião, preguiçoso 4. Que se passa na ociosidade; próprio do ócio; em que há ócio 5. improdutivo, inútil, improficuo 6. Desnecessário, supérfluo.

**Vadiação** s.f. De vadiar + ação 1. Ato ou efeito de vadiar

**Vadiagem** s.f. De vadiar 1. vadiação; vida de vadio 2. os vadios.

**Vadio** adj. Ár. Baladi 1. Que não tem ocupação ou que não faz nada 2. Que vagueia; vagabundo, tunante 3. Próprio de gente ociosa 4. Diz-se do estudante pouco aplicado.

**Vadiar** v. intr. De vadio+ar. 1. Andar ociosamente de uma parte para outra; andar à tuna. 2. Ter vida de vadio 3. Passar vida ociosa 4. Não ter ofício nem emprêgo 5. andar em pagodeiras; brincar, divertir-se 6. Pop. Fornicar.

### **Moraes (1922) - Dicionario da Lingua Portuguesa**

**Industria**, s.f. Arte, destreza, para grangear a vida; ingenho, traça, em lavrar, e fazer obras mecanicas, em tratar negocios civis, &c. § *De industria, adv.* de proposito, assinte, sobre pensado. *Flos Sanct. Vid. de S. Patricio. Vieira.* “*de industria* deixou no campo as pedras;” advertidamente. *Couto, 6.I.I.F.I.V.*

**Músa**, s.f. poet. Deusa, que inspira os poetas; o ingenho, ou Numen poético. § *As musas*: as Letras humanas: v.g. “A conversação das *Musas*”

**Occupação**, s.f. Emprego do tempo em algum trabalho, negócio, estudo, exercício. § Officio, modo de vida: v.g. “as pessoas desta occupação.”

**Ócio**, s.m. Desoccupação, ociosidade §.Folga, ou tempo de folga.§. Occupação entretida, que não exige grande applicação, ou ponderação: v.g. estás com as Musas em honesto ócio occupado.Ferr.

**Ociôso**, adj. Vadio, que não se occupa em coisa alguma. § Que está sem exercício: v.g. “tropas, e armas ociosas” M. Lus

**Vádiação**, s.f. Vida de vadio

**Vadiamente**, adv. Errando vagando ociosamente “meus desatinos onde me levais vadiamente assim de monte em monte.” Sá Mir. Carta 6.

**Vadio**, adj. O que não tem amo, ou senhor com quem viva, nem trato honesto, negocio, ou mester, ou officio, emprego, nem modo de vida, vagamundo, ocioso. Ord.5.T.68.§. O que não é arreigado na terra, e vive nella de sua industria; v.g. pescando, carregando, e passando gente em barcas. Ord. Af. 1.70.16.v.B.1.4.4.

### **Análise**

Primeiramente analisamos o verbete “vadio”:

Em Moraes, que é anterior a Laudelino e a Aurélio, pode-se perceber claramente a relação do verbete com o fato de NÃO exercer atividades explicitadas na própria definição do verbete, desvalorizando as pessoas que não exerciam tais atividades e não levando em consideração o motivo pelo qual estavam nesta situação (poderiam, por exemplo, ser escravos alforriados ou seus descendentes, que não encontravam emprego). Em sua definição de “vadio”,

Moraes ressalta os vários tipos de trabalho existentes no contexto em que o dicionário foi publicado e define vadio como aquele que não ... (“o que não ...”). Vadio é a pessoa que não trabalha para ninguém numa relação de servidão, “O que não tem amo, ou senhor com quem viva”, não é comerciante nem tem algum ofício “negocio, ou mester, ou officio, emprego”, ou seja, é o “vagamundo, ocioso”, “que não se ocupa de coisa alguma”. Moraes também define vadio como “O que não é arriegado na terra, e vive nella de sua industria; v.g. pescando, carregando, e passando gente em barcas”. Assim, pode-se dizer que quem vive de sua industria também é considerado vadio, o que demonstra que não se valorizava as atividades relacionadas à “industria”. Além disso, nota-se também a inexistência de um padrão ortográfico em sua obra tendo em vista que, muitas vezes, palavras iguais têm grafias diferentes, como exemplo “ocioso” quando escrito na acepção de vadio não tem o acento gráfico que a mesma palavra apresenta quando é entrada do dicionário: “ociòso”.

Laudelino, que teve como uma de suas fontes o dicionário de Moraes, traz como primeira acepção para vadio: “Que não tem ocupação ou que não faz nada”. Inicia a definição com a relativa “que”, mas sem nenhum referente, o que abre a possibilidade de se referir a qualquer sujeito, tanto um ser humano como um animal. Já nas acepções “2. Que vagueia; vagabundo, tunante” e “3. Próprio de gente ociosa” (acepções que nos remetem a Moraes) parece mais claramente se referir a pessoas e desvalorizar aquelas sem atividades ou aquelas que se divertem. Isso é percebido se buscarmos, no mesmo dicionário, a definição de ocioso (“1. Que não faz nada; que está desocupado; que não tem o que fazer; que não trabalha 2. Que não tem emprêgo nem officio ou ocupação alguma; vadio”) e de vadiar (“4. Não ter officio nem emprêgo 5. andar em pagodeiras; brincar, divertir-se 6. Pop. Fornicar”). Essas acepções nos remetem ao contexto em que o dicionário de Laudelino foi publicado, época do Estado Novo (1937-1945), período em que Vargas investiu na indústria pesada e na infra-estrutura para incentivar o desenvolvimento industrial, além de adotar uma política paternalista em relação aos assalariados (como exemplo, a promulgação da Consolidação das Leis Trabalhista – CLT – em 1943). Percebe-se por essas acepções o quanto se reforça a idéia de que mulheres e homens deveriam trabalhar e não serem vadios, ociosos. Na quarta e última acepção: “Diz-se do estudante pouco aplicado”, há menção ao estudante, personagem bastante evidente no governo Vargas, já que neste governo houve ampliação da rede escolar e foi garantido o acesso à instrução pública. Com esta acepção enfatiza-se a idéia de que os estudantes devem se aplicar aos estudos tendo como objetivo cooperar com o desenvolvimento do país e não dedicarem seu tempo a passeatas ou manifestações estudantis, como as organizadas pela UNE em 1942, que combatia o Estado Novo, o regime nazi-facista no Brasil,

(<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/cenasdoseculo/nacionais/une.htm>, acesso em 22/04/2008).

Em suas acepções sobre vadio, Aurélio praticamente retoma as de Laudelino, inclusive na mesma ordem, mas acrescenta alguns sinônimos para enfatizar que vadio é um “desocupado” e também um estudante “vagabundo”. Além disso, acrescenta um brasileirismo familiar, a quinta acepção, que se refere ao dinheiro que “não tem aplicação imediata, que está sobrando”, provavelmente, por não ser de uso comum, é apresentado um exemplo: “Aproveitei uns dinheirinhos vadios e resolvi aplicá-los”.

A partir da palavra vadio, foi selecionada a palavra ócio, que hoje em dia pode não carregar um sentido negativo, de quem não tem ocupação, por isso optamos por verificar se isso se evidencia nas acepções.

Em Laudelino, o ócio é o “1. Descanso, folga do trabalho”, “2. Tempo que dura a folga do trabalho”, assim existem dois momentos: um que se trabalha e outro em que se descansa, parece serem momentos opostos no dia, ou talvez na vida de homens e mulheres. Nas acepções seguintes: “3. Tempo de que se pode dispor 4. Estado de quem não faz nada; ociosidade 5. mandriice, preguiça”, por estarem após as acepções que se referem ao trabalho, essas parecem remeter ao período em que não se trabalha e com a presença das palavras “não” e “preguiça” enfatiza-se a conotação negativa desse estado, dando maior valor ao trabalho. As últimas acepções, “6. Repouso; cessação de movimento, de ação 7. O trabalho mental ou ocupação do espírito que não exige lucubrações”, apesar de trazerem definições aparentemente positivas, ou que não tem um julgamento de valor tão explícito (principalmente na sexta acepção), também há uma certa desvalorização ao dizer “que não exige lucubrações”.

Aurélio, da mesma forma que no verbete anteriormente analisado, praticamente reproduz as acepções e suas ordens de Laudelino. Também desvalorizando o estado do ócio e valorizando o trabalho, já que coloca a palavra “lazer” como sinônimo de ócio, ao mesmo tempo que, de certa maneira, também coloca como sinônimo “desocupação”, “preguiça”. Em sua quinta acepção “5. Trabalho mental ou ocupação mental suave, agradável” define o ócio com uma conotação positiva, mas como sendo um trabalho suave, leve.

Por fim, Moraes coloca três acepções que não fazem referência direta à palavra trabalho como os outros dois autores, mas também revela uma conotação negativa ao utilizar a palavra “Desocupação” com o prefixo des-, que indica ausência, falta de ocupação (conforme sua definição “Emprego do tempo em algum trabalho, negócio, estudo, exercício. § Offício, modo de vida”). Além disso, como nos outros dois dicionários, a última acepção é a que traz uma conotação positiva, ou menos negativa, em que se define o ócio como “Ocupação entretida, que não exige grande aplicação, ou ponderação: v.g. estás com as Musas em honesto ócio ocupado. Ferr.”, o interessante é que ao

trazer como exemplo um ócio com Musas, ressalta-se a expressão artística, que não será enfatizada nos outros dicionários.

### Considerações Finais

Conforme a análise exposta percebe-se que “vadio/ocioso” e “ócio/vadiagem” são, em certos aspectos, sinônimos, uma vez que as definições de ambos remetem à situação da desocupação ou ao fato de não ter algum trabalho, porém ócio traz algumas conotações que dão a idéia de algo menos negativo por ser um tempo em que se pode usar para o trabalho mental, para atividades leves ou expressões artísticas.

Percebe-se também que as definições e o modo como as acepções são ordenadas revelam como o autor do dicionário individualiza o saber sobre a língua de uma sociedade na história, estabiliza os sentidos das palavras, e ao mesmo tempo pode ser um excelente instrumento do Estado, lembremos, principalmente, das acepções sobre os estudantes.

Assim, apesar de um autor de dicionário ter se baseado em um outro, o fato das obras serem escritas por autores diferentes e terem sido publicados em períodos diferentes, faz com que ocorram variações nas acepções conforme a formação do autor e o contexto sócio-político-econômico-cultural em que as obras são publicadas .

---

### Referências Bibliográficas:

- BARREIRO, J.C. (2002) *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. Editora Unesp, São Paulo. p.243
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1986). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro. 2ª Edição
- FREIRE, L. (1942-43) *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, A noite, Rio de Janeiro.
- NUNES, J.H. E PETTER, M.(orgs.)(2002). *História do Saber Lexical e Constituição de um Léxico Brasileiro*. Humanitas/Pontes, Campinas, p.99-120.
- ORLANDI, E. P. (2001) *Histórias das idéias lingüísticas*, Unemat Editora, Mato Grosso, p. 22 - 24; 71-87.
- ORLANDI, E. P. (2002) *Língua e Conhecimento Lingüístico: para uma história das idéias no Brasil*, Cortez Editora, São Paulo, p. 101-119.
- SILVA, A. M. (1922). *Diccionario da Lingua Portuguesa - Edição Commemorativa do 1º centenario da independencia do Brasil*, Lacérdia, Lisboa.
- <http://www.academia.org.br/>, acesso em 20/04/2008.
- <http://www.ibilce.unesp.br/~horta/dicionario/verbete%20grande%20e%20novissimo%20dicionario%20da%20lingua%20portuguesa%20freire.htm>, acesso em 20/04/2008.
- <http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/cenasdoseculo/nacionais/une.htm>, acesso em 22/04/2008.